

## **CURA GAY: RELIGIÃO OU MEDICINA – QUEM VOS SALVARA?**

Autor: Eduardo Neiva – UFCG – [neiva.top@gmail.com](mailto:neiva.top@gmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Maíra Nunes- UFCG – [maira.nunes@yahoo.com.br](mailto:maira.nunes@yahoo.com.br)

A polêmica "Cura Gay" faz trabalhar um acirrado debate discursivo em que a memória discursiva da condição homossexual como uma doença é mobilizada. Diante das orientações de Pêcheux, Foucault, Guilhaumou e Maldidier, então buscamos aplicar seus conceitos para compreender de que forma o enunciado da "Cura Gay" se configurou na memória histórica e como se reconfigurou com o passar dos tempo. Este trabalho busca expor aspectos de alguns princípios teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: "Discurso" "Enunciado" e "Trajeto temático", advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997; 2008) e Foucault (1997). Este estudo tem como objetivos analisar a "Cura Gay" como acontecimento discursivo, trabalhando com a memória das concepções de sexualidade trazidas na obra de Foucault; analisar quais são os processos de continuidade e descontinuidade no emaranhado dessa rede de enunciados e analisar o trajeto temático da aparição do enunciado "Cura Gay" tentando revolver todos os sentidos trazidos para os dias de hoje. Metodologicamente esse trabalho se insere no campo da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo na vertente que faz trabalhar com as contribuições do filósofo Michael Foucault. Buscaremos seguir o trajeto temático dessa memória de concepção de doença ou perversão pecaminosa que carrega a homoafetividade através dos tempos, abordando os discursos que perpassam a medicina, o direito e a religião. Este estudo resultou no entendimento de que durante muito tempo, o termo homossexualidade "não existiu". Explicava-se que: homens e mulheres tinham relações com pessoas do mesmo sexo. Mas isto não era entendido como uma orientação, um estado permanente da pessoa. A priori o entendimento difundido pela igreja católica, que detinha o poder de estado era de práticas libertinosas e pecaminosas. Foi no século XIX que surgiu o termo homossexualidade para classificar tais práticas. O caráter "do mal" da homossexualidade se dá através dos discursos médicos (principalmente através da higiene, da teoria da degenerescência, da medicina-legal e da psiquiatria) sob forma de doença, desvio, síndrome, patologia, degenerescência, loucura, perversão (GREEN, 2000; TREVISAN, 2007). Durante grande parte do século XX, a homossexualidade esteve atrelada ao campo da doença e tais sujeitos eram taxados de muitos nomes: deficientes mentais, loucos, transtornados do juízo, aberrações. Somente em

1973 a American Psychiatry Association (APA) elimina a homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatísticas das Desordens Mentais, e em 1990 a Organização Mundial da Saúde retira tal categoria do rol de doenças da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde, o CID-10. No âmbito da psicologia brasileira, apenas em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) instaura uma portaria proibindo que psicólogos exerçam práticas de tratamentos de “cura” e\ou das chamadas “terapias de conversão”, reconhecendo oficialmente que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão. A retirada da homossexualidade como patologia não significa, no entanto, a superação da ideia de uma “sexualidade anormal”. O discurso religioso que contemplava a noção de *cura* da homossexualidade apareceu como perspectiva hegemônica, defendida por diferentes denominações, apesar das variadas ênfases cosmológicas e doutrinárias destas igrejas. Assegurando a possibilidade da “transformação” dos indivíduos em *ex-homossexuais*, a fala dos religiosos entrava na área política em um projeto que previa a aquisição de recursos do estado para iniciativas religiosas voltadas à “*recuperação*” de homossexuais. O tema repercutiu na grande imprensa e contou com a reação de diversos setores da sociedade civil: movimentos sociais, intelectuais, personalidades públicas e ONGs manifestaram seu repúdio ao *fundamentalismo* e à *homofobia* dos evangélicos. O debate demonstrou a necessidade premente de investigação das perspectivas e discursos religiosos no que se refere à sexualidade no Brasil contemporâneo. Podemos compreender que mesmo sendo um termo criado na atualidade sua significação está atrelado a conceitos predeterminados a partir do século XIX. Desta maneira concluímos que o termo “Cura Gay” é uma invenção dos dias atuais, mas o significado que esse enunciado carrega, vem desde muito tempo atrás. O controle sobre os corpos e a sexualidade em si, é objeto de estudo das mais diversas áreas. Atualmente, frente aos discursos altamente repercutidos com o projeto de decreto legislativo PDC 234/11, ou o projeto de “Cura Gay” proposto pela bancada legislativa evangélica nos faz refletir sobre essas relações de poder no campo da sexualidade retomado pelo poder religioso.

**Palavras-chave:** “Cura-Gay; Análise do Discurso; Homossexualidade.